

TEXTO-CORPO-FUÇA-GAMBIARRA¹

Renata Leitão e Renata Lima Aspis

¹ Leitoris daqui y da colá: abusamos demais das notas de rodapé, pensando em fazer muitas conexões e provocações, mas nenhuma delas é imprescindível, talvez. Criamos túneis, ribanceiras, desvios e bifurcações. Sendo assim, pode-se escolher ler o texto ignorando-as e depois voltar e ler apenas as notas ou outra modalidade qualquer de jeitim di ler que lhe aprouver.

Resumo: O presente texto traz a fuça como radar de um corpo desobediente e subversivo, entendendo-a como aparato corporal de uma metodologia própria de fazer, escrever, criar, encenar etc. viver. Como faz uma gambiarra? Com a mão e com a cabeça? Com durex, chicletes, canivetes? Tem luzinha, abraçadeira? Na cozinha, arte e ciência? Com motor de geladeira? Tudo isso, nada disso, deixa disso, cata o que tem por aí? Uma gambiarra se faz cas fuça! Mete as cara, bota a cara, dá na cara. É a fuça que puxa o corpo e as ideia, a fuça da leoa,² da leitoa, das piçoa tuda animalada. Dois buracos não são tomada, tá ligada? Fuça não é tomada, muito menos farejada. Nossa gambiarra é metodologia, é prática criativa, se realiza com a mão e a cabeça, mas sobretudo com o corpo todinho, metendo as cara, na criação de si e de mundos por vir.

Palavras-chave: corpo; fuçar; gambiarra; dissidência; resistência.

2 Uma leoa e, a boa, escorpiona e águia e caramuja, um tal bicho assim vos escreve, junto com a leitão, as renas e as antas e tudo no mesmo pacotão. Haja bicha pra nossa balaida, segura o estouro da boiada, sem tino pra gado, muito mais avacaiadas. Nóizotras, não abriremos mão de nenhuma de nóizas, nos movemos em bandos e pelas bandas. Se curtiu é só chegar.

TEXTO-CORPO-FUÇA-GAMBIARRA

Renata Leitão e Renata Lima Aspis

Pôr a cara e escarafunchar, por meio do toque da fuça na lata, revirada, remexendo, desorganizando o que tá separado, em busca do que não está dado. Uma boa fuçada é lambuzada, senão corre o risco de ser uma farejada.

Uma farejada é sempre algo apartado entre o farejador e o farejado e assim deve ser, reza a regra: sujeito e objeto, cada um no seu quadrado, é algo como: farejo, logo existo. O farejador usa seu aparato focinho para conhecer o que aparece, separando-se dele: a cada encontro se produz um objeto, dá-se um nome, uma classificação, um lugar na hierarquia do órgão maior: o mundo, um mundo; meu mundo, ele diz. De um lado o sujeito, aquele que organiza tudo o que encontra, asseadamente, encaixando dentro da estrutura previamente estabelecida. do outro lado, os objetos, que são objetos, apenas. São criações obedientes do delírio de poder do sujeito.³

3 Cê já sabe, mas não custa fazer esse puxadinho pra dizer que aqui estamos remendando Descartes, filósofo francês, do século XVII, que se tornou um grande astro das hollywood da época, dizendo que pensamento é uma coisa e corpo é outra. O cabra resolveu elevar aos céus o que ele chamou de *cogito*, aquilo que cogita, que duvida, que pensa: a razão. Parece mesmo que ele não se via como um trem só, que ele achava que a cabeça dele carregava sua essência, seu extrato de grandeza, puro suco de si mesmo boiando acima de seus miolos, independente de qualquer carcaça tendo ideias claras e distintas de tudo que fosse verdade e isso tudo em uma conexão questionável com um tal “o deus” deles (ver a Nota da nota anedota de reparo com fio desencapado). Ele, tão assim se amando, considerou que seu corpitcho devia de ser um pacote de órgãos subservientes envelopados por uma embalagem duvidosa, chamada

pele e que essa pacoteira deveria era somente obedecer aos desejos dos pensamentos, aos anseios de uma alma pura, límpida, cristalina, pedacinho de deus na terra que fazia que ele tivesse ideias brilhantes e atitudes dignas de um ser superior (ispiar Nota da nota grampeada abaixo do barbante pendurado cacaneta). Uma pena que ninguém achou que isso sim era é que era doidura, bruxaria, váderetrosanatartes, mas fato é que a ideia veio a calhar cas ideia dozotro homi sem noção que também, estavam se quereni demais a ponto de se dizerem nomeados por um deus, um deus que era deles e que queria eles também. É minha gente, é cada uma que parece duas. Mas, para ser mais precisas, esses homi não era sem noção, tinham noção até demais, não podemos esquecer que as ideias das revoluções burguesas e de capitalismo já estavam sendo embrionadas aí. Muito útil para a vindoura produção capitalística que houvesse de um lado corpos e de outro mentes, corpos proletários com a mão na massa e vida violentada por tudo que é tipo de privação, até da dignidade e de outro lado mentes brilhantes, pensadoras, com suas boas ideias de como deve funcionar essa sociedade (essas mentes portavam corpos muito bem tratados a pão de ló, ócio e champagne).

Nota da nota anedota de reparo com fio desemcapado: Nota-se nessa nota que nóizas optami por escrever o deus assim bem deusinho mesmo casdique o que eles chamam de deus, pra gente não está à altura do nosso baixo nível, embora ele teje nas altura, para eles. Esse deus aí foi eleito por uns caras, tão detestáveis quanto o fã clube do Descartes, para representá-lo, uma tal chamada Igreja Católica, instituição rica e poderosa, aliada dos destruidores de mundos possíveis, que extinguiram com máxima violência tudo que é vida que não se encaixava no “o” mundo único concebido pela razão deles, dizendo que o deus deles falou que tava de boa matar, estuprar, avacalhar, por uns tantos séculos, a vida de quem não se parecesse com eles. Mas nóizas não, nóizas é devota de Nêgo Bispo (tem surpresinha na Nota fita crepe na bainha da calça) e sua ojeriza pelo monoteísmo e pela monocultura humana. A gente é mesmo insolente, a gente não só tem corpo como tem fuça e por isso mesmo, com nossos espíritos de porco não iremos pôr um deusão no deusinho, e ele que lute.

Nota da nota grampeada abaixo do barbante pendurado cacaneta: Essas ideia que a gente dá, diferente de uns e outros poraí, né, não brotaru dos nossos suvacos e jogamos aqui. Elas brotaru também, às vezes, vai saber, mas bem que pode ser que tenham vindo do suvaco de Marilena Chauí e quem sabe de

A fuçada, na deriva, imbrica o corpo todo na procura. É pelas fuça, mas é um chamado também da barriga, dos nó das tripa. Se fuça cazunha, ca-zideia, com os pêlos e pelos cotovelos. A fuçada é um movimento de composição de si mesma, de se misturar e ser sempre outra. Tamo falando do ser como movimento de estar sendo. Vai caçando e descobrindo junto, embrenhando, remexendo, achando, perdendo e percebendo no enquanto aonde os desvios te levam.⁴

trás da zoreia de Silvia Federici. Essas duas mulheres fabulosas que insistem como nóizas em percorrer caminhos distintos do fã clube do René. Chauí, brasileira, filósofa, professora, além de dedicar muita saúde à obra do anti herói dos anos 1600, vulgo Espinosa ou Spinoza, também produziu um arsenal robusto usando a filosofia para o desenvolvimento da autonomia. Federici, italiana, filósofa, feminista tem pano pra manga pra falar do que se engendrou a partir da lógica cartesiana com mulheres e quem mais ousasse não ser escolhida por deus. Procure saber, procure saber.

Nota surpresinha fita crepe na bainha da calça: confira esse vídeo [Nego Bispo – Trajetórias](#). Se estiver sem tempo, comece do 14’40”, tu vai amá.

4 Olha bem e firma o corpo com silver tape. Deriva num é sair por aí deixa a vida me levar vida leva eu, vento levou, me deixei levar, sambarilove pra não se colocar no rolê. Essa deriva que falamos vem de uma gastura que dá na gente se for para seguir por um caminho único, por um caminho já caminhado por outras patas, por um caminho. No entanto, não quer dizer que vale tudo, que vale nada e o que rolar rolou. Um fuçadora (ver nota da nota gambiarrada com clips na sandália de dedo) sabe bem o que suas tripa quer, onde suas patas pisam, o que a terra te conta. Desviar é a forma de se perder dos caminhos pré concebidos, contudo sem se perder do que a fuça chama. O fuçadora pode perder-se de si até porque bobo é quem acha que se encontrou e isso é um fim, uma definição de si mesma. Acreditamos no jeito de viver indo vivendo, corpos se compondo no movimento de ir indo, sem essências deterministas de uma natureza imutável, nada disso.

Nota da nota gambiarrada com clips na sandália de dedo: O uso do artigo descombinado do sujeito, feito meia de pé com par perdido, fronha desencontrada do lençol e tampa dum pote encontrada no outro, foi um jeito que uma de nóizas, istrudia arrumou pra se livrar dessa coisa monótona universal masculina que a linguagem dos normais tem. Respondemos a uma garrafa com rolha e um papilim dentro, achada boiando numa poça pós temporal, que continha um bilete (e é verdade esse bilete) mencionando a necessidade declarada por bell hooks no seu livro *Ensinando a transgredir* (ver a Nota colar cerâmica quebrada com cola branca e purpurina dourada para parecer kintsugi) da reinvenção de uma linguagem que não seja a do colonizador. O espanto narrado pela autora ao ler o poema de Adriene Rich que diz que “esta é a língua do opressor, mas preciso dela para falar com você” (p. 223), que ao se dar conta de que isso estava tão entranhado nela ao ponto de nem mesmo poder se livrar de tamanha violência que é seguir se expressando inteiramente na língua daquele que destruiu tudo, inclusive a linguagem, para se impor. E nem é sobre se livrar de uma língua que estamos falando, até porque não é possível, né. É sobre invadir, sabotar, subverter. É sobre engolir e regurgitar, no nosso caso, nas bandas dos sul, um português engomadinho, frufriu e lero lero pra inglês ver. Essa é a ação que temos e que queremos contra atacar, falando a nossa língua. Uma língua que fale entre os dentes, que babe, engasgue e cuspa, que grite e que sussurre o que eles acham que podem entender.

Nota colar cerâmica quebrada com cola branca e purpurina dourada para parecer kintsugi: bell hooks, ativista feminista, autora e professora tem uma obra relevante sobretudo no campo da educação. Além do que já citamos neste rodapé, cabe dizer que o grafado do seu nome em minúsculas faz parte dessa invenção de outras formas de linguagem, das subversões daquilo que é tido como algo culto, certo e erudito e que inclusive esse nome, o dela, bell hooks, ela mesma inventou para si, ela criou, não foi o pai, nem a mãe, ela foi, fez e escreveu ele como ela bem quis. É puraf. Só que quando uma de noizas inventou de se escrever assim, nem conhecia a bellzinha, fez isso apaixonada pelo conceito de “menor”, de Deleuze e Guattari, para grafar sua desimportância (Manoel de Barros) e sua dissidência *ykomishtiatchie*: aqueles que pensam de outra maneira (Fucô, 2008).

O farejador é quem busca algo de uma memória, algo que já se conhece, algo que de novo acontece. O processo de conhecer é o de re-conhecer. Um movimento circular que se fecha em si mesmo: busca o que já conhece, acha, se sacia e para. Até que reproduz novamente o circuito fechado. A metodologia do farejo é uma ou outra. Quer dizer, pode deixar de ser uma para ser a outra, que é também uma, no sentido de uma, tem começo, meio e fim, como nas ciências, que reproduzem sempre o mesmo modo de fazer (até que mudam para um outro), há desejos generalizações e de leis universais: o mundo como um grande sistema de identidades e suas relações necessárias.

O fuçadora não, nada disso, minhassenhora, ela improvisa, isto sim. Está sempre permeável ao acontecimento e se compõe com ele. A fuçadora faz da gambiarra o seu modo de estar no mundo e de criar mundos. O corpo do fuçadora sofre de um tal faniquito, de um remelexo e dum siricutico, que é quenem o menino que tudo mexe, futuca e que o corpo todo pinica. É a fuça te chamando, te tirando pro bailado. Cê aceita? Uma dança que não foi ensinada (nem existe ainda!), que não se prende no passado e se aprende na passada. Um corpo inteiro que baila, ginga, inventa e modifica. Um corpo inteiro que fuça, que compõe enquanto cria. Corpofuçagambiarra,⁵ que não pode ser vendido separa-

5 Modos de fazer um corpofuçagambiarra: 1- Não tenha modos, isso pode comprometer sua existência; 2- Pré aqueça o forno e o torno; 3- Pré esqueça seus pensamentos leais; 4- Enfie a cabeça entre as pernas, envergando a coluna para trás; 5- Segure os tornozelos com as mãos; 6- Gire, esfregando pelo chão, da testa às coxa e voltando a ficar em pé; 7- Repita a operação até estar certa de que você tem um corpo, uma fuça e que tu és também uma gambiarra; 8- Tome um sol, lagartixando e quando estiver dourado, sorva-se.

damente. O radar tá no focinho, não só na cabeça. As patas, os pés, o rabo e as mãos, tudo junto em sintonia. Cata aqui, cola acolá, parafusa, solda, gruda, lambe, prega, acha um trem, perde outro, vai fazendo à medida que vai sendo, a gambiarra acontecendo.

É na superfície do corpo da fuçadora que brotam as gambiarras. Acopladas e projetadas para a expansão, são o prolongamento do corpo do fuçadora. Um corpo que é também a gambiarra, um corpo decapitado que requer reparos e manejos a cada encontro, a cada afeto. E nem vem de frankenstein pro nosso lado que aqui a gente corta outro dobrado. Esse corpo remendado não foi feito por ninguém, mas nos encontros com outros corpos, no movimento de estarsendo que por sua vez, ainda está nesse fazer, sem acabamentos, enquanto vai fazendo, ele vai sendo, cheio de continuamentos. Não é um corpo monstro que pretende ser um homem, feito por outro homem, não, não corremos esse risco de querer ser criador e nem tampouco criatura. O corpo do fuçadora cria e é criado. É selvagem, natural, superficial, animal, vegetal e sensacional. Corpo-fuça-gambiarra-plantabichoflor.⁶ E de repente ele muda, se adapta, agrega outras partes capturadas nos encontros. Ele tem furinhos, alças, velcros, plug, peneira, boca, rabo, fuça, poros e invólucro

6 Modos de fazer uma corpfuça-gambiarra-plantabichoflor: 1- Tudo da nota anterior; 2- Retire os sapatos e as roupas até o ponto de se sentir totalmente à vontade; 3- Deite na grama e olhe tudo bem de perto, suas ramificações, algum inseto, tudo; 4- vire de costas e contemple; 5- feche os olhos e role o corpo na grama, muito, até não dar mais; 6- olhos fechados ainda, perceba sua pele; 7- perceba os sons ao redor; 8- coma uma flor; 9- tome sol; 10- volte aos seus afazeres assim desfeita e refeita. Repita a operação sempre que necessário.

permeável, suscetível, corajoso, meliante e desviante e tem pele. A cada fuçada, a cada revirada, algo acontece com o fuçadora, algo muda, sacode, modela e cria.

E a gambiarra, essa danada, se tiver um beabá, beibe, não dá em nada. A gambiarra, pra existir, precisa mesmo é de ser desobediente, insolente, dissidente. No ir se embrenhando, a cada fuçada, o corpo do fuçadora vai se compondo, vai se com-pondo, pondo-com, no movimento que faz para se relacionar com o que encontra, para criar uma lógica, gerar sentido. É nos entres, nas beiradas, nas trincheiras do cara, do troço e do rolê que está a gambiarra e é por isso que ela não fica pronta, envernizada e acabada. Uma boa gambiarra, uma tranqueira malarrumada, precisa mais e mais é de ser gambiarrada. Gambiarra, enquanto estado provisório, continua. Sempre pronta, no seu estado de inacabado.

O farejador produz um objeto: planeja e faz. O fuçadora funciona diferente: ela cria um mundo e a si mesma, com o corpo todo, vai juntando e disjuntando, experimentando saboreando e cuspidando, mete a cara, a fuça toda, se lambuza. O pesquisadora-fuçadora se joga de cabeça sem quebrar o pescoço, nem perigo disso, porque não tem pescoço ainda, quando pula. Se joga e se mistura com o que o farejador chamaria de corpo e alma, cabeça e coração (Deckard, o caçador de andróides de Blade Runner, possivelmente dividiria o humano em *res cogitans* e *res extensa*, a coisa que pensa e a coisa que tem extensão, corpinho. Quem é humano e quem não é? Para ele, *res cogitans* é que é. Nóizas, não. Nananina: estamos justamente fugindo dessas divisões e, além disso, os andróide têm consciência da morte e chora, então...?).

Então, tá, recapitulando: entrar no fluxo da existência, bloco na rua, gingar, permeabilidade, atenção de antenas de barata, meter a fuça, fuçar, se misturar e ir assim, no fluxo procurando criar sentido, livre, sexto sentido-intuição-terceiro olho, olho de boi, olho do cu, entranhas e sinapses, joelhos esfolados e vai que vai e teme e não para, se entusiasmo duvidando, se certifica e não sabe e segue e nega e afirma ao mesmo tempo e sente e. E. E. E. E. E. E. zás e. Nesse movimento de ir sendo fazendo, há uma tecnologia, preciosíssima, que dá a liga, que faz com que seja um sistema a-centrado, que muda de natureza a cada nova conexão: é a gambiarra. Costura daqui e desfia dali, amarra, arame e cuspe, livro de receitas culinárias, narrativas de viagens, diários estufados de colagens encontradas, chat cazamiga e teorias científicas, corta um pedaço, destaca um conceito, borda ele alí, tapou direitinho aquele buraco, alucinações, memórias e planos, se besunta dos seus admirados antepassados, mata uns deles nem tão admirados assim e vai, crochê e marchetaria, argila, forno, vidro e quebra e cola, parafusa e remenda, dá um colo, dá um google, chama a vizinha, joga longe, boleia e achata, grudaqui, grudalí, decalcomania na tigelinha de água e vai plaft, costura aqui, desfialí e ... Corpofuçagambiarra-plantabichoflor-pregocolagru devoa.⁷

7 Modo de fazer um Corpofuçagambiarra-plantabichoflor-pregocolagru devoa: 1- Tudo das nota diatas; 2- acople um martelo no pulso direito, paralelo ao braço, com silver tape; 3- dance uma dança capenga, livre e desordenada; 4- sue; 5- na mão esquerda, revólver de cola quente; 6- na cintura, pacote (aberto) de clips; 7- rodopie como um dervixe, vai, vai; 8- dois grampeadores nas solas dos sapatos, patine, deslize; 9- alucine variáveis disso e aja.

Nota avulsa das nota dos modos de fazer para pessoas sem modos: É, então a gente falou que não tinha receita e ó

Um troço desse, bixo, parece descontrolado, desembestado, sangria desatada, aguaceiro rua abaixo, fogareiro morracima. E é. A certeza que uma fuça tem é a de estar sem o GPS guiando, vocechegouaoseu destino: meuzôvo. O fato de não ter um mapa que diz como é o local, como caminhar, qual a velocidade permitida, onde virar a esquina, fuce mais à direita, fuce mais à esquerda, é a forma que pode desembocar em outros modos de fazer. Outros modos de fazer um qualquer troço é um modo de fazer uma gambiarra. Uma pesquisa, uma dança, um pensamento, um troço, qualquer uma das gambiarras que se atrever e que der de acontecer, é preciso de bolar esquemas inventados para cada gambiarra da que se assuocer. E ninguém aqui tá perdido, caçando pastoreio não, afastai, xô. Nóiza, ovelhas desgarrada, sabemos quais os fluxos vamos perseguindo. Vamos rumando, mapeando o chão com as patas, atrevendo a entrever outros caminhos que não o da trilha marcada, escala detalhada, legenda hachurada. Nossas crenças, nosso bando, nossa luta e a vontade que dá nas tripa é que bota contorno e assinala o descanso na perseguição.

CorpofuçagambiarraDUREXplantabichoflor-PLAFTpregocolagru devoaXÔ.⁸

nóizas aí queisse monti di imperativos. Nananina, beiba, não obedeça. Isso não é um modelo, é um exemplo para inspirar. Inspire. Pire. Nessas batata aqui e ni outras que tu inventá.

8 Modos de fazer um CorpofuçagambiarraDUREXplantabichoflorPLAFTpregocolagru devoaXÔ: 1- Tenha um corpo (vide notas 7, 6 e 5); 2- Desatarraxe a cabeça, deixando-a solta e giratória; 3- Acople uma tomada no meio da sua testa; 4- treine enxergar no escuro, gradativamente mais escuro, em lugares desconhecidos, aguçe o olfato, a pele e os ouvidos; 5- nunca reaja imediatamente: deixe os estímulos entrarem em seu corpo, perceba-os, deixe que decantem; 6- cante com eles a sua

Outra coisa que pode acontecer e que é preciso se precaver, é do zé povinho que o Emicida já falou que eis falava, dos tonto ensimesmado cabeça, um seu mané, vir achar que uma fuça-gambiarra-sendo é uma curtição do momento, uma coisa tilêlipster, hiponga dibutique, que faz qualquer bagaça bonitinha-esquisita aí e deu, foto bonita na rede social. Ispia, se apruma, se dê respeito e se toque. Uma fuça é muito menas.

Mas muito menas mêmo. E o que isso quer dizer? Quer dizer que sabemos muito bem nosso lugarzinho de seres inferiores que nos foi dado, todas minorias são menas, as que têm dia comemorativo e as que não têm, mulher, “índio”, LGBT, negro, criança sempre no universal, grandes categorias para se espancar, humilhar e matar, rápido, com tiro na cara ou devagar, como modo de vida ao qual se é submetidas.⁹ Cafuzos, mamelucos, mulatos, QIAPN+, caboclos, caiçaras, sertanejos, entre outras aberrações, tudus nome que inventaram para apartar, para marcar o não pertenci-

nova composição; 7- seja outre sempre outrem, só daí, então, talvez, alguma ideia e quem sabe uma expressão sonora em palavras.

Nota vestir a calcinha usada do avesso: O Bruno Latour tem um texto maravilhoso sobre como criar para si um outro corpo, no qual ele fala sobre como treinar um nariz, é estonteante, recomendamos.

9 Aqui a gente quer tamein é apontar esse conceito genial de “necropolítica”, de Achille Mbembe, grande pensador camaronês, que estudou Foucault e o atualizou pras pretitude periférica aforamente das Europa e fala memo é da vida como ela tá sendo nessas bandas de cá: o Estado decide que há partes da população que são matáveis e devem ser mortas para o bem de todos (todos, quem cara pálida?) e as mata. Procure saber. E, olhe, Achille Mbembe se pronuncia assim: [How to Pronounce Achille Mbembe](#).

mento ao conjunto branco, dourado e azul com pênis, chamado de ser humano. E é por isso também que nóizas escreve errado, vamos desobedecer o português agora que o erro do português já foi cometido, aqui e em Angola e Moçambique, na Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Goa, Macau, entre outras *possessões*, só tando possuído mesmo para tamanha violência. Sabemos que não correspondemos ao modelo de ser humano do humanismo europeu e que nunca vamos corresponder, porque somos gigantes pela própria natureza, somos o que vamos sendo nas gambiarra da vida, não temos sua essência, meu senhor. E NÃO QUEREMOS TER. E eis aí o ponto de inflexão, de ruptura: dis-si-dên-cia! Sim, nós sabemos separar as sílabas como os tugas. Escapamos do conjunto “seres humanos” e assumimos nossa animalidade complexa, diversa e diferente de si mesma, sempre em movimento, porém um movimento não constante e não linear. Esdrúxulo, inconstante, turbilhonar e imprevisível. Ora, pois não é assim mesmo a vida? Sair da esteira de produção do desejo de ser “como eles”, afirmar nossa não existência de seres com natureza dada *a priori*: nossa natureza muda a cada nova conexão, a cada fuçada, a cada gambiarra inventada.

Então, se vier um ser com modos de machinho brancoheterocis nos classificar de loucas, se vier dizer que o que fazemos não é ciência, que não é arte, não é filosofia, nóizas jogaremos nossas cabeças para trás e gargalharemos alto, pois, sim, o grande império está ruindo e é nóizas memo que estamos a roer suas pernas. E sabemos que isso não lhe há Grada.¹⁰

10 Grada Kilomba, que nunca foi quilombola, mas só que sim, é uma aquilombadora das grandes, escreveu “Memórias da Plantação”, embora seja mulher de cidade...

européia. Quais são as permanências reverberadas das plantações, açoite e destruições, que são reproduzidos incessantemente no espírito da colonialidade? E eis que quando somos nós a dizer, não é científico, não é racional, nunca seremos limpas o suficiente para ser permitido que entremos naquilo que os usurpadores chamam de mundo, de verdade, de real. Nóizas, todas categoria de gente menas, classificadas como objetos e, portanto, descartáveis, continuamos a sofrer v-i-o-l-ê-n-c-i-a, como disse a Grada, sobre o espaço acadêmico (e por falar em plantação, o romance bão, viu, esse da Octavia Butler, olha só, mais uma butler butlando nossos corpinho. Veja a Nota papel dobrado debaixo do pé da mesa bamba). A produção de conhecimento tem dono, o “o mundo” é deles, mas a rede de fissuras que move esse mundo é nossa, a la Deleuze (num bobeia ca Nota durex nos óculos).

Nota papel dobrado debaixo do pé da mesa bamba: Kindred se chama o romance: uma moça negra, casada com um cara branco, do nada começa a viajar no tempo e cai sempre no sul dos estados unidos da américa deles, do norte, na época em que a escravidão lá funcionava como uma das piores de suas versões. E PIMBA, do nada o leitora é jogada na total falta de sentido daquelas relações (anti) sociais. Feminismo anti-racista, ai, ai, adoramos.

Nota durex nos óculos: Deleuze uma vez deu uma entrevista a Antonio Negri, na qual fala sobre o modo como ele e Guattari, seu comparsa na autoria dos livros “Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia”, entendiam o modo de funcionar do capitalismo: menos por contradição e mais por criação de linhas de fuga, menos por ação das classes sociais do que das minorias. Minorias criando linhas de fuga. O que quer dizer isso em *pretoguês*? (Veja a Nota durepox no pegador da tampa da panela). Quer dizer: nóizas faz umas gambiarra, cria mundos dos nossos jeito de criar. É muito mais um modo de vida outro que faz o mundo mudar - e isso pode ser feito por qualquer uma, do que a luta de classes. Se fôssemos esperar pela A Revolução, esperar que todo o proletariado tomasse consciência da exploração que sofre etc, não teríamos mudado nada nunca... Trata-se de criar outras formas de subjetividade, não se subordinar a esse modelo que nos vem sendo imposto há séculos (Veja Nota pedacim de rolha no buraco grande demais para a bucha).

Nota durepox no pegador da tampa da panela: É da Lélia Gonzalez que nós tá falano, aquela giganta. Nossos erro de português né erro não, é a nossa mistura com línguas

Entonces, agora, galere, a título de finais, casdique esse rio precisa duma beirada, tudu qui nóizas ainda quer dizer, é que trata-se, sempre e ainda, de resistência à captura da vida, trata-se de insistir em existir como si menas, a despeito da grande máquina de moer carnes humanas, quer seja as matando literalmente ou simbolicamente, a despeito dos processos de objetificação, dos truque pérfidos do marketing, do capitalismo de vigilância, da plataformização da vida e a subseqüente fidelização dos usuários, das guerras trogloditas por territórios e deuses, e para tanta coisa precisamos de mais umas doze a cinquenta notas de rodapé, mas chega, agora tu procure saber por si mesma, montani suas artimanha, suas tramóia, meteni as suas cara e vamo juntas, na alegria (spinozana) e vá pela sombra e tenha calma...se puder.¹¹

africanas, das rua, das roçae dus sertão e que estão na formação desse brasil, sor. Conheça-a: [Por um feminismo afro-latino-americano](#) i di lambuja: [Pensamento Insubmisso com “PRETOGUÊS” de Lélia Gonzales.](#)

Nota pedacim de rolha no buraco grande demais para a bucha: Fucô in “O sujeito e o poder”, texto ma-ra-vi-li-o-so, no qual ele vai dizer que o objeto de seus estudos não é o poder, como costumam dizer, mas sim o sujeito, tem interesse em saber como se constituem as subjetividades, e para isso, sim, tem que estudar as relações de poder, que são parte constituinte do sujeito e diz que o papel da filosofia, da Modernidade para cá, é investigar o presente e não se trata de descobrir quem somos, mas de rejeitar quem somos, nos colocar contra os modos de subjetivação que nos vêm moldando e modulando.

Nota tala de hashi e esparadrapo no galinho quebrado da pranta: essa tá sobrando, colocamos elaki porque ficou boa.

11 Nota derradeira donde tudo veio a vir de ser no sendo e continua: Esse texto foi escrito entre Lisboa e Bahia, uma ali, outra acolá, um oceano no meio e tantos tudos que se cruzaram nas linhas de histórias de lá pra cá, há tantos anos em volta da gente e que nos transbordaram por esse meio. Uma

AGRADECIMENTO ÀS AGÊNCIAS DE FOMENTO

As autoras reconhecem e agradecem o apoio das seguintes agências de fomento à pesquisa e à criação artística:

- Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq);
- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES);
- Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG).

Tais instituições contribuíram, ainda que de forma parcial, para o desenvolvimento das pesquisas, reflexões e experimentações que resultaram neste trabalho. O apoio concedido é fundamental para a continuidade das práticas acadêmicas e artísticas críticas, autônomas e comprometidas com o fortalecimento do conhecimento público no Brasil.

dorme, a outra acorda, uma nada e a outra caminha, duas em uma, uma em duas, nóizas em tantas, tantas em nóizas, tão igualquinem e diferentes. Entre azulejos, baleias, livros, picolés, invencionices e bufonaria, com nóizas duas fora das nossas casas, alinhavando azidea pelas fuça, fuçando os lugares que estamos, puxando pela memória (e pelo google drive) a nossa bibliografia, tecendo a gambiarra da vida e do texto troço, íamos deixando rastros, iscas, restos que pudessem atrair a fuça da outra, largando vazios para receber uns cutucos de irmos indo, táticas que instigassem a si e a outra para construir mais um pedaço. Ou porque a gente cansava, saia pra vadiar e deixava o treco para a outra continuar. Quem é essa outra? Somos dessas. Essa gambiarra também é uma carta de amor, de artesanias, de amizade, de truques de receitas boas, de pesquisa, de revolta, de dor no ombro direito, de saudade de casa que nem sempre é onde a gente mora. Uma sapequice, um brinquedo e um convite. Um sopro de esperança para que alguém que nos leia, se inquiete e continue. Vamo que vamo. Vamo?

REFERÊNCIAS

- ASPIS, Renata Lima. *Fazer filosofia com o corpo na rua: experimentações em pesquisa*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2021.
- ASPIS, Renata Lima. Todo cérebro tem um cu. *Revista Espaço Acadêmico*, v. 23, n. 276, p. 1–7, dez. 2023. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/68735>. Acesso em: 15 out. 2025.
- BARROS, Manoel de. *O livro das ignorâncias*. Rio de Janeiro: Record, 1993.
- BUTLER, Octavia E. *Kindred: laços de sangue*. Tradução: Carolina Caires Coelho. São Paulo: Morro Branco, 2017.
- CHAUÍ, Marilena. *Espinosa: uma filosofia da liberdade*. São Paulo: Moderna, 1995.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução: Aurélio Guerra Neto et al. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. v. 1.
- DELEUZE, Gilles; NEGRI, Antonio. Controle e devir. In: DELEUZE, Gilles. *Conversações (1972–1990)*. Tradução: Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992.
- DROIT, Roger Pal. *101 Experiências de filosofia cotidiana*. Rio de Janeiro: Ed. Sextante, 2002.
- EMICIDA. *Gueto*. Participação de MC Guimê. Produção de Leo Justi. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2013.
- FEDERICI, Silvia. *Caliban e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. Tradução: Maura Chaves. São Paulo: Elefante, 2004.
- FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica – para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Tradução: Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231–249.
- FOUCAULT, Michel. *Segurança Território População: curso dado no Collège de France (1977-1978)*. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. Organização: Flávia Rios e Márcia Lima. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. In: RIOS, Flávia; LIMA, Márcia (orgs.). *Lélia Gonzalez*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.
- HISSA, Cássio E. Viana. *Entrenotas: compreensões de pesquisa*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- IVÁNOVA, Adelaide. *Asma*. São Paulo: Nós Editora, 2024.

- KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução: Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- LATOUR, Bruno. *Como falar do corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre a ciência*. In: <http://www.bruno-latour.fr/sites/default/files/downloads/77-BODY-NORMATIVE-POR.pdf>
- LEITÃO, Renata; EMERICK, Larissa; NEVES, Libéria; ASPIS, Renata Lima (orgs.). *artes, filosofias e resistência*. São Paulo: Editora De Castro, 2025. p. 85-98.
- MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. Tradução: Renata Santini. São Paulo: n-1 Edições, 2018.
- MOMBAÇA, Jota. *Não vão nos matar agora*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.
- NUÑEZ, Geni. *Descolonizando afetos: experimentações sobre outras formas de amar*. São Paulo: Paidós, 2023.
- PAULINO, Fred. *Gambiólogos 2.0*. São Paulo: Editora de Lenda, 2025.
- SANTOS, Antônio Bispo. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora / Piseagrama, 2023.

Renata Leitão cursou Artes Plásticas na Guignard, pedagogia na Facon, pós em Educação Criativa na PUC Minas e é mestranda em Artes, Filosofias e Resistências pela FaE – UFMG. Brotou na beirada do Rio Doce e deu de parar na capital. Coordena a ONG Nova Atmosphaera, se aglomera no grupelho e se encontra na cerâmica. Contato: asadebarata@gmail.com

Renata Lima Aspis cursou graduação em Filosofia, e mestrado e doutorado em Educação – Unicamp. Na FaE – UFMG é professora de filosofia e coordenadora do grupelho Grupo de Estudos e Ações em Filosofia e Educação, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação: conhecimento e inclusão social e ao Mestrado Profissional em Educação e Docência - Promestre. Contato: renatalimaaspis@gmail.com